10º FEPEG FÓRUM ENSINO · PESQUISA EXTENSÃO · GESTÃO
RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
Realização: Unimontes, Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Minas Gerais
Apoio: FAPEMIG, FADENOR
ISSN 1806-549 X

Autor(es): MARIANNE SILVA SOARES, EDNA DE FREITAS GOMES RUAS, LUDMYLA ANDRADE COSTA, VIVIANE DIAS SOUTO, MARIA DE FÁTIMA FERNANDES SANTOS SILVA, RAFAELA SIQUEIRA DE OLIVEIRA, ANA PAULA HOLZMANN

Perfil comportamental de universitários acerca do risco de contrair Infecção Sexualmente Transmissível

Introdução

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) podem apresentar complicações graves em mulheres, facilitar a transmissão do HIV, e ainda estar associado à culpa, estigma, discriminação e violência, por motivos biológicos, psicológicos, sociais e culturais. A Organização Mundial de Saúde estima que cerca de um milhão de pessoas adquirem uma IST diariamente. Todo ano, 500 milhões de pessoas adquirem uma das IST curável; 530 milhões são infectadas com o vírus do herpes genital e mais de 290 milhões de mulheres são infectadas pelo Papiloma Vírus Humano (HPV). A infecção pelo HPV causa 530.000 casos de câncer de colo uterino e 275.000 mortes ao ano. Acrescenta-se a isso, que a sífilis na gravidez causa aproximadamente 300.000 mortes fetais e neonatais ao ano e coloca 215.000 recém-nascidos sob o risco de morte prematura, baixo peso ao nascimento ou sífilis congênita (BRASIL, 2015).

Estudos mostram que a educação em relação às IST deve ser iniciada ainda no ensino básico, desde o ensino fundamental, continuar no ensino médio e universidade, onde os futuros profissionais, principalmente das áreas da saúde e educação, precisam estar preparados para realizar medidas de autoproteção e também de desenvolver ações educativas junto aos usuários dos serviços (CORDEIRO; SILVA; BARBOSA, 2009).

Nesse sentido, conhecer o comportamento sexual de estudantes, futuros profissionais, fornece subsídios para o trabalho de prevenção das IST entre os estudantes e pode contribuir de forma ímpar no planejamento e implementação de ações de promoção da saúde e prevenção de doenças, preparando-os para uma atuação profissional mais adequada à realidade (DESSUNTI; REIS, 2007). Assim, o objetivo deste trabalho foi descrever o perfil dos acadêmicos segundo variáveis comportamentais relacionadas ao risco de contrair IST.

Metodologia

Foi realizado um estudo quantitativo, de corte transversal e de aspecto exploratório. O cenário da pesquisa foi a Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, campus da cidade de Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. Foram incluídos no estudo os Centros de Ensino que possuem cursos presenciais, sendo eles: Centro de Ciências Humanas (CCH), Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) e Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CCET). A população de estudo foi composta por acadêmicos matriculados nos diversos períodos e cursos presenciais da UNIMONTES, matriculados do 2º semestre de 2015 ao 1º semestre de 2016 da UNIMONTES.

A Amostragem do estudo foi probabilística, por conglomerados e em dois estágios. No primeiro estágio, por amostragem aleatória simples (AAS), foram selecionados 50% dos cursos de cada centro, sendo eles: CCBS, CCH, CCSA e CCET. No segundo estágio, também por AAS, 25% das turmas dos cursos, sorteados no estágio um, foram selecionados para composição da amostra. Por fim, foram convidados a participar do estudo todos os acadêmicos das turmas sorteadas, que estavam presentes no dia da aplicação do questionário, perfazendo ao final, uma amostra de 655 estudantes.

Para o cálculo do tamanho da amostra foram considerados os seguintes parâmetros: prevalência de 50% para os eventos estudados, uma margem de erro de 5% e um nível de confiança de 95%. Considerando tratar-se de uma amostragem por conglomerados, o número identificado foi multiplicado por um fator de correção (*deff*) de 1,5 e acrescido de 20% para eventuais perdas. Dados esses parâmetros, o tamanho mínimo da amostra foi definido em 646 indivíduos.

O instrumento utilizado foi um questionário composto por 60 questões objetivas abordando dados sociodemográficos, conhecimentos, práticas e atitudes relacionadas ao risco de se infectar com alguma IST. Este instrumento foi adaptado a partir do questionário utilizado na Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas na População Residente no Município de São Paulo, realizada em 2013 (SÃO PAULO, 2014). Antes da utilização do instrumento, o mesmo foi submetido a um pré-teste. O questionário foi aplicado por acadêmicas de enfermagem, no início ou término das aulas, em horário previamente agendado com o Coordenador (a) de cada Curso.

Foram incluídos na amostra os estudantes que estavam presentes e que aceitaram participar da pesquisa mediante a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Os dados coletados foram digitados e organizados em planilha do programa excel e transferidos para o programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) onde foram analisados de forma descritiva.

Apoio financeiro: FAPEMIG

ISSN 1806-549 X

Este trabalho apresenta resultados parciais de um projeto de iniciação científica, desenvolvido por acadêmicas e professores da Unimontes. Atende às diretrizes e normas determinadas pela resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamenta a realização de pesquisas envolvendo seres humanos.

Resultados e Discussão

Participaram da pesquisa 655 acadêmicos pertencentes aos centros: CCSA, CCH, CCET E CCBS, sendo eles alunos de cursos presenciais da Unimontes, do campus de Montes Claros, MG. A maioria dos estudantes pertence ao sexo feminino (64%), na faixa etária de 18-21 anos (61%) e média de 23 anos (DP= 7), solteira (88,1%), de cor auto referenciada como parda (52%), de religião católica (62%) e procedente da cidade de Montes Claros (60,1%).

Encontrou-se resultado semelhante em estudo realizado em Fortaleza (CE), sobre as relações entre as atitudes sexuais, contraceptivas, o lócus de controle da saúde e a autoestima nos estudantes de uma instituição de ensino superior privado, com maioria da amostra do sexo feminino (82,2%), solteira (92,8%) e católica (67,8%). Sabe-se que ser mulher, jovem e solteiro (a) são características que podem aumentar o risco de IST. O fato de a mulher ser mais vulnerável às IST ocorre devido à exposição a fatores de risco comportamentais e biológicos, pois, ocasionalmente, a resposta imune no trato genital feminino pode não responder adequadamente e não promover resposta de memória suficiente, permitindo quadros de recorrências de infecção em curto intervalo de tempo (LIMA & ALVES, 2008).

Em relação às variáveis comportamentais, verificou-se que 35,9% dos entrevistados ainda não haviam iniciado a sua vida sexual. Dentre aqueles que já iniciaram, a maioria (65%) foi na faixa etária de 15 a 18 anos, com média de 17 anos. Dado que se assemelha ao estudo realizado ao estudo realizado em São Paulo em que 62,4% dos entrevistados iniciaram atividade sexual após os 16 anos (SÃO PAULO, 2014). Segundo Janeiro *et al* (2013), quando mais cedo o início da atividade sexual, mais o indivíduo se torna vulnerável para adquirir uma IST, seja pelo fato de possuir pouca informação ou conhecimento sobre o tema. O início de atividade precoce está associado aos fatores: ser jovem do sexo masculino, baixo nível socioeconômico, poucos anos de estudos, ter pais separados, não praticar uma religião, uso de tabaco e drogas, morar com companheiro(a) e o não uso da camisinha na última relação (HUGO *et al*, 2011).

Quanto à opção sexual 93,4% se declararam como heterossexuais; 3,2% como Homossexuais e 2,3%, Bissexuais. Durante vários anos, a homossexualidade afetiva e aos profissionais do sexo tem sido, de uma forma inequívoca, ao aumento da incidência de IST. No entanto, sabe-se que a pobreza, desinformação, o aumento da população, desintegração social, prostituição, a promiscuidade sexual, a família que se sente incapaz de tratar da temática que ainda considerada um tabu, ou mesmo a falta de diálogo é que verdadeiramente estão diretamente associados (NADAL; MANZIONE, 2003).

A maioria dos universitários (62,5%) relatou ter tido somente um parceiro fixo nos últimos seis meses e nenhum parceiro eventual (56,1%). Quando perguntados sobre a última relação sexual, 51,25% relataram não ter usado o preservativo. Dentre os motivos para o não uso, destacaram-se: para parceiros fixos: a confiança no parceiro (42,6%); o fato de não gostar do preservativo (23,3%); e não possuir o preservativo no momento da relação (10,4%); para parceiro eventual: não gostar do preservativo (24%); confiar no parceiro (21,8%); e falta de tempo para colocar a camisinha, devido ao "tesão" (18,3%).

Esses resultados aproximam de outros descritos na literatura. Em estudo realizado em uma escola do Ensino Superior da região de Lisboa, 64,9% dos sujeitos namoravam, tinham relações sexuais com os seus parceiros e apenas 12,5% dos que tinham parceiro fixo, faziam uso do preservativo. Observou-se que, duração do relacionamento resulta numa menor utilização do preservativo (JANEIRO *et al.*, 2013).

Esses dados congregam de valores aproximados com estudo realizado em São Paulo, em que 59,7% dos estudantes quando questionadas sobre o uso do condom na última relação, relataram não ter usado. O principal motivo para o não uso (46%) foi de que o preservativo diminuiria o prazer (CIRINO; NICHIATA; BORGES, 2010). Em estudo realizado por Nicolau *et al.* (2012) identificou-se que, 27,4% não utilizavam o preservativo devido confiança na parceria sexual, 25% tinham o fato de o homem não concordar em utilizá-lo e 19,2% devido à dificuldade de acesso.

No presente estudo, a frequência do uso do preservativo nas relações sexuais, foi maior no sexo vaginal (37,8%); seguido pelo sexo anal (32,1%); e por último, pelo sexo oral (10,2%), sendo este, o mais desprotegido. Nesse contexto, a gravidez não desejada parece ser mais temida que as IST. O risco de transmissão pelo sexo anal é subestimado, apesar de ser fator altamente preditivo para as IST. Dessa forma, deve-se enfatizar essa prática na prevenção das IST, saúde da mulher e outros programas preventivos de saúde (NADAL; MANZIONE, 2003).

ISSN 1806-549 X

Quanto a ter contraído uma IST, 85,6% afirmaram nunca ter contraído. Em estudo realizado em São Paulo, com 134 adolescentes mostrou que 17,9% das adolescentes entrevistadas referiram ter tido alguma doença sexualmente transmissível (CIRINO; NICHIATA; BORGES, 2010).

Conclusão

Concluiu-se que, a maioria dos estudantes investigados é vulnerável as IST, principalmente pela não utilização do preservativo. Essa prática relaciona-se a fatores que interferem na percepção de risco, como a confiança no parceiro, supondo que, um único parceiro, mesmo com histórias passadas, não será capaz de transmitir uma IST. Sentem-se imunes a estas doenças. Assim, é necessário sensibilizar os jovens quanto ao uso do preservativo, uma vez que, este é o único método capaz de ser contraceptivo e proteger das IST concomitantemente.

Referências

BRASIL. Ministério Da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas**. Infecções Sexualmente Transmissíveis. Relatório de Recomendação. Abril, 2015.

CIRINO FMSB, NICHIATA LYI, BORGES ALV. Conhecimento, atitude, práticas na prevenção do câncer. **Esc Anna Nery Rev Enferm. (Sl)** v.14, n.1, jan-mar. 2010.

CORDEIRO LP; SILVA NSR; BARBOSA SP. Conhecimento e Comportamento sobre DST/Aids entre acadêmicos do Curso de Enfermagem do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais**. Revista Enfermagem Integrada**. Ipatinga: Unileste-MG, v.2, n.1, Jul./Ago. 2009. Disponível em: http://www.unilestemg.br/enfermagemintegrada/artigo/v2/Larissa_cordeira_Nayara_silva_e_Simone_barbosa.pdf Acesso em 30 de outubro de 2016.

DESSUNTI, EM.; REIS, AOA. Fatores psicossociais e comportamentais associados ao risco de DST/AIDS entre estudantes da área de saúde**. Rev Latino Am. Enfermagem**, [Sl], v.15, n. 2, mar./abr. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v15n2/pt_v15n2a12.pdf Acesso em 30 de outubro de 2016.

HUGO, TODO *et al* . Fatores associados à idade da primeira relação sexual em jovens: estudo de base populacional. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 27, n. 11, p. 2207-2214, Nov. 2011 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2011001100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 11 Nov. 2016.

JANEIRO JMSV, *et al.* As Atitudes Sexuais, Contraceptivas, O Lócus De Controle Da Saúde E A Autoestima Em Estudantes Do Ensino Superior. **REV BRAS PROMOC SAÚDE**, Fortaleza. v:26; nº 4; pág 506 à 512; out/dez, 2013. Disponível em http://www.unifor.br/images/pdfs/rbps/2013.4_artigo7.pdf. Acesso em 30 de outubro de 2016.

LIMA YAR; ALVES MFG. O sistema imune da mucosa do trato genital feminino e o impacto das doenças sexualmente transmissíveis. **Revista de Patologia Tropical**. v.37, n.4, pág 295-309, out-dez, 2008. Disponível em https://revista.iptsp.ufg.br/up/63/o/2008_37_4_295_309.pdf Acesso em 11 de novembro de 2016.

NADAL, SR; MANZIONE, CR. Identificação dos Grupos de Risco para as Doenças Sexualmente Transmitidas. **Rev bras Coloproct**. v.23, n.2, pag.128-129, 2003. Disponível em: http://www.sbcp.org.br/revista/nbr232/P128_129.htm Acesso em 11 de novembro de 2016.

NICOLAU AIO, *et al*,. Conhecimento, atitude e prática do uso de preservativos por presidiárias: prevenção das DST/HIV no cenário prisional. **Rev Esc Enferm USP** [Online]. v: 46, n.3; pág 711-920. 2012. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v46n3/25.pdf. Acesso em 05 de novembro de 2016.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo. **Pesquisa de conhecimentos, atitudes e práticas na população na residente no município de São Paulo**, PCAP MSP. Programa Municipal de DST/AIDS de São Paulo. Prefeitura de São Paulo. Informe nº 01/15. 2014.35p. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude /PCAPV2.pdf. Acesso em: 30 de ago. 2015.